

---

## ALUNOS TRANSGÊNEROS NAS AULAS DE DANÇA DE SALÃO: DIFICULDADES E FACILIDADES DE SUA ACEITAÇÃO SOB A ÓTICA DE PROFESSORES E ALUNOS

TRANSGENDER STUDENTS IN *DANÇA DE SALÃO* CLASSES: DIFFICULTIES  
AND FACILITIES OF BEING ACCEPTED BY TEACHERS AND STUDENTS

Grabriela Aragão Souza de Oliveira<sup>1,2,3</sup>, Márcia Miranda<sup>1,2,5</sup>, Alan José Oliveira<sup>6</sup>,  
João Paulo Vasconcelos Silva<sup>6</sup>, Ana Patrícia da Silva<sup>1,4</sup>

<sup>1</sup> Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/CAp-UERJ

<sup>2</sup> Professor da UNISUAM

<sup>3</sup> Doutora em Educação Física

<sup>4</sup> Doutora em Educação

<sup>5</sup> Mestre em Educação Física

<sup>6</sup> Professor de Educação Física e de Dança de Salão

---

### 1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre as identidades transgêneras têm crescido muito no mundo acadêmico e nas mídias, porém ainda se observa, no cotidiano das aulas de dança, comportamentos preconceituosos por parte de alguns alunos e, até mesmo, professores. A preocupação deste artigo foi a de buscar investigar até que ponto o preconceito entre professores e alunos vem sendo objeto de estudo nas escolas de dança. Vivemos num país que tem a dança como uma manifestação cultural forte, e que os indivíduos têm escolhido a dança como sua atividade física. Sendo assim, por que se espantar com a presença de um aluno transgênero numa aula de dança a dois?

Essa identidade de gênero ainda tem sido muito negligenciada nos meios sociais e, como consequência, observamos a discriminação, o *bullying*, sofridos por essas pessoas em consequência da não aceitação da sociedade. Essa situação transita em todos os setores e classes sociais chegando também às aulas de Dança de Salão, onde se estabelece o interesse de discussão deste trabalho. No estilo de dança de salão, onde encontramos pares formados pelo gênero masculino e

feminino, é preciso alertar os profissionais de dança e, inclusive, os alunos presentes nessa turma, para a possível participação de um indivíduo transgênero, presente na aula.

De fato, encontram-se na literatura poucos estudos sobre o tema. Decorre daí a necessidade e interesse de refletir e discutir sobre essas questões, pois elas podem trazer ganhos ao desenvolvimento de um bom trabalho do profissional de dança. Esta pesquisa se caracteriza por uma revisão bibliográfica para a formação de um ponto de vista sobre o contexto, e tem como foco principal uma visão de como seria o trabalho do profissional e o comportamento dos alunos nas aulas de Dança de Salão, na presença de um transgênero. Ou seja, este artigo busca discutir identidades transgêneras dentro das aulas de Dança de Salão.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 dança e a dança de salão

A dança é considerada uma das formas mais antigas de manifestação e expressão corporal, pois através dela encontramos diversas formas de comunicação com outras pessoas. Oliveira<sup>1</sup> aponta que o ser humano utilizou a dança como linguagem corporal, simbolizando alegrias, tristezas, vida e morte, para celebrar o amor, a guerra, a paz, ou seja, representou diversos aspectos da vida humana. Através de toda essa linguagem corporal, nos certificamos da riqueza que nos proporciona o trabalho com a dança. O autor menciona que:

“Uma das atividades físicas mais significativas para o homem antigo foi dançar. Utilizada como forma de exibir suas qualidades físicas e de expressar os seus sentimentos, (a dança) era praticada por todos os povos desde o paleolítico superior (60.000 a. C.)<sup>1</sup>.

Através da dança, o ser humano pode buscar o seu próprio eu, descobrindo diferentes formas de se manifestar, podendo de várias maneiras expressar todo seu sentimento. E quando percebemos que é uma das mais antigas manifestações, notamos que, mesmo antigamente, as pessoas dançavam de uma forma que nem notava e sem ao menos perceber o que estava fazendo, por meio de uma maneira de comunicação e movimentação, envolvidas por toda essa diversidade.

Segundo Mendes<sup>2</sup>, os registros sobre a dança datam do período paleolítico superior, onde o homem tinha como preocupação principal a caça, o cultivo de alimentos e a luta pela sobrevivência.

Relatando algumas observações sobre “dança”, Vargas<sup>3</sup> menciona:

As motivações para dançar eram diversas, partindo primeiro dos sentidos humanos, da relação com a natureza e com os mistérios da vida e do cosmo e convertendo-se logo em ritual. A dança primitiva se fazia em grupo e, inicialmente, não estava submetida a regras, nem disciplina, somente assumia comportamentos codificados à medida que ia crescendo o valor da cerimônia na qual se apresentava. O mundo desconhecido, a magia e a religião apropriam-se da dança: são os poderes incontroláveis e incontrolados logo depois substituídos por poderes verdadeiros<sup>3</sup>.

Quando pensamos na Dança de Salão logo imaginamos a dança a dois, formada por um casal, obviamente um homem e uma mulher, pois naturalmente assim que se subentende a naturalidade do estilo. Basicamente retratamos como danças sociais as que surgiram na Europa, durante o Renascimento, as quais foram muito praticadas pela nobreza nos salões de baile.

Segundo Faro<sup>4</sup>, as Danças de Salão, em sua evolução, iniciaram-se nos templos, foi para aldeia, em seguida para as igrejas, depois para as praças, os salões, e, por último, os palcos.

Grangeiro<sup>5</sup> relata que a Dança de Salão esteve e ainda está ligada diretamente à cultura europeia. O Minueto é relatado como a primeira dança social, surgindo depois na corte austríaca e alemã a Valsa, onde foi a primeira dança de salão em que a dama dependia do cavalheiro para dançar, surgindo, assim, o primeiro abraço, pois até aquele momento, mesmo tendo um par, não existia a presença dessa proximidade ao seu cavalheiro.

Para o que conhecíamos como danças sociais, hoje se usam a nomenclatura de Dança de Salão e Dança a Dois. Com o passar do tempo, foram surgindo vários gêneros ligados a esse estilo, muitos vindos diretamente de outros países e se caracterizando, no Brasil, como uma forma diferente de se dançar. Tem-se como exemplo o soltinho, que apenas se dança no Brasil. Outras diversas classificações rítmicas foram criadas, com ritmos lentos, moderados e rápidos, caracterizando, assim, vários gêneros da dança de salão:

Baião, bachata, bolero, calipso, cha-cha-cha, côco, *country*, *cumbia*, forró, *foxtrote*, *habanera*, *hustle*, *jive*, lambada, *lindy hop*, mambo, maxixe, merengue, *milonga*, pagode, *passo doble*, *quickstep*, rancheira,

*rock, rumba, salsa, samba, son, soltinho, slow-fox, swing, tango, valsa, West coast swing, xote, zouk*<sup>6</sup>.

A Dança de Salão, a cada dia, vem evoluindo e gerando o crescimento de estudos e da busca de conhecimentos técnicos. Nesse sentido, outras formas de metodologias vêm sendo desenvolvidas, valorizando as propostas abertas de ensino/aprendizagem, permitindo ao aluno um pouco mais de liberdade para as transições de movimentos, fugindo dos movimentos coreografados, permitindo ao aluno dançar livremente, sem muitos rótulos.

Existem momentos que me pergunto como isso aconteceu, que movimento é esse que nunca havia experimentado, que encaixe é esse que surgiu sem eu perceber, sem que houvesse uma indicação antecessora ao que iria acontecer. E ao perguntar ao meu parceiro, ele também não consegue descrever que caminho foi esse que surgiu; apenas aconteceu, e muitas vezes não conseguimos buscar esses espaços de novo. O que foi feito em uma dança, aconteceu. Podemos retornar outras qualidades do movimento, mais jamais será como anteriormente<sup>7</sup>.

Talvez essa pedagogia tecnicista venha a cada dia perdendo força, criando alunos formadores de opiniões, partindo para uma pedagogia crítica social, onde, tanto professores quanto alunos possam discutir a melhor forma de execução de movimentos, tendo o professor como orientador do conhecimento, a partir do domínio da técnica de movimentação.

## **2.2 Transgênero: Conceitos e Definições**

Nos dias atuais, percebemos que a diversidade vem sendo cada vez mais discutida de forma explícita. As pessoas aos pouco estão lutando contra alguns tabus construídos pelo preconceito. Pessoas transgêneras começando a se descobrir e tentar entender o significado disso, partindo de uma luta diária contra a sociedade. O indivíduo transgênero passa por um intenso sofrimento e uma sensação de inadequação ao seu sexo biológico.

É preciso estar atento para o fato de que a sexualidade submete-se aos determinados padrões e valores universais, criando verdades estereotipadas como: o caminho natural obrigatório das pessoas é crescer, casar, ter filhos e morrer; os homens devem tomar a iniciativa na cama; meninos devem começar a vida sexual antes das meninas, os homens têm mais necessidade sexual do que as mulheres, entre outros<sup>8</sup>.

Ainda não se tem uma causa comprovada para essa inadequação, o que alguns estudos da neurociência comprovam é que, durante a gestação, a identidade feminina ou masculina é formada no cérebro do bebê, e depois o desenvolvimento

dos órgãos sexuais. Já no caso dos transgêneros, existe uma hipótese de que essa identidade não esteja em sintonia com o órgão sexual, deixando assim muitas vezes essa confusa crise de identidade.

Quando pensamos no sexo biológico, definimos como o sexo que você nasce; a identidade de gênero é cultural, fazendo com que o ser não humano venha a não se identificar com o seu sexo biológico. A orientação sexual é a inclinação do seu desejo, ligada ao fato por quem você irá se sentir atraído/atraída amorosa ou sexualmente, e não faz parte de um modismo. Essa inquietação sempre existiu desde o início dos tempos, e atualmente vem sendo cada dia mais discutida, tornando mais exposto na sociedade o que antes era escondido. Através de alguns relatos, a comissão de Direitos Humanos de Nova York vem oficializando essa multiplicidade que, ao invés de duas ou três identidades oficiais, oficializou 31 nomenclaturas de gêneros.

Segundo Dalgalarondo<sup>9</sup>, um número significativo de pessoas, embora pertençam anatomicamente a determinado gênero, desenvolve-se e apresenta identidade de gênero conflitante com a biologia. Percebemos muita polêmica a respeito de ser um problema patológico ou psiquiátrico, pois muitas vezes as pessoas acabam não se sentindo felizes da forma natural e biológica, passando a ter um acompanhamento psicológico e psiquiátrico que aliviem o sofrimento e o desconforto.

Em contrapartida, Spizzirri<sup>10</sup> apresenta alguns testes que dão ênfase a aspectos genéticos que ajudam a classificar o Transexualismo como doença, afirmando que:

São diversas suposições que procuram explicar a gênese da transexualidade, entre elas destacamos: predisposição genética, influências psicossociais e ambientais, neuroanatomia, exposição a hormônios e mais provavelmente a interação entre eles, podem contribuir no desenvolvimento da identidade de gênero<sup>10</sup>.

As diferenças existentes entre essas identidades são pouco discutidas e muitas vezes calada pela sociedade. Cada um de nós tem uma única pessoa, mas formada de várias características que nos tornam diferentes uns dos outros, seja na questão religiosa, idade e habilidades físicas, entre muitas outras que marcam a diversidade humana. Como afirma Moore<sup>11</sup>, mesmo que as distinções sejam percebidas categoricamente, sua vivência é relacional, assim, os discursos de gênero sempre atravessam outras relações sociais. Entretanto, o fato é que a

grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificados através dos órgãos genitais, e assim são apresentadas à sociedade com seu nome masculino ou feminino e passam, dessa forma, a exercer um papel de gênero “adequado” àquilo a que foi imposto.

De forma mais objetiva, alguns autores fazem algumas classificações. Para ser caracterizado como transexual ao Conselho Federal de Medicina, citado por Vieira<sup>12</sup> e Bunchaft<sup>13</sup>, o indivíduo deve apresentar, no mínimo, desconforto com o sexo anatômico natural; desejo expresso de eliminar os genitais, para perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto; permanência desses distúrbios de forma contínua e consistente, por no mínimo, dois anos e ausência de outros transtornos mentais.

### **2.3 O diálogo**

As aulas de Dança de Salão vêm crescendo e difundindo-se cada dia mais no país. Nos últimos anos, professores estão buscando se aprofundar e buscar melhorias nas suas metodologias, melhorando o processo de ensino-aprendizagem. De certa forma, as redes sociais, programas de TV, entre outros meios de comunicação, vêm divulgando a Dança de Salão. Assim, a busca de pessoas interessadas em conhecê-la vem aumentando, tanto como forma de entretenimento como campo de profissionalização.

Com o crescimento do público, notamos que, na maioria das vezes, alunos do sexo feminino acabam sendo os primeiros a buscarem a dança, o que gera um desequilíbrio entre o número de alunos homens e mulheres. Assim, a falta de um par é recorrente nas aulas –, primeiramente por ainda persistir o preconceito que o homem não dança –, e também pelo elevado número de casais prontos que procura as aulas, geralmente aqueles que gostam de frequentar festas e bailes para dançarem.

E será que já paramos para analisar a presença de um aluno transgênero numa aula de dança de salão? Que papel ele teria nessas aulas? Seria ele um homem ou uma mulher? Muitas vezes professores e alunos acabam não pensando nessa possibilidade em uma de suas turmas. O transgênero deverá fazer parte das aulas normalmente, vindo dele a possibilidade de exercer um ou outro papel dentro

da dança. Ao aluno cabe a aceitação de ter que dançar com uma pessoa do mesmo sexo? Qual o papel do professor diante desse cenário?

De acordo com Borrillo<sup>14</sup>, a forma de inferiorização é consequência direta da hierarquia das sexualidades, assim como confere à heterossexualidade um *status* superior, situando-se no patamar do que é natural, do evidente. Esses conflitos existem, cabem para uma discussão clara entre professor e aluno para que este pensamento do *status* superior não venha a ocasionar problemas.

Num momento como esse, cabe ao professor um bom direcionamento da sua aula, deixando os alunos terem a liberdade de escolha, não o forçando a nada, mas também exigindo e impondo o respeito a esse aluno visto como diferente. Cabe ao professor, independente do seu sexo biológico, receber esse aluno, como também usar a pessoa para suas demonstrações, mesmo sendo mulher com mulher, ou homem com homem. Entende-se que seu papel ali é de ensinar, independente se tiver dançando com uma pessoa do mesmo sexo. É preciso excluir os objetivos das conquistas amorosas. O momento de aula se restringe ao aprendizado da dança e ao aprendizado de vida também. Passar por cima do preconceito nesse momento é uma questão de aprendizado. Temos livres escolhas como aluno, mas como professor não se pode agir desta forma.

### 3 PONTO DE VISTA

No decorrer da revisão bibliográfica, notam-se poucos estudos sobre o assunto, dificultando a fundamentação sobre o tema. O que se pode afirmar, e que vivemos e presenciamos muito nos dias atuais, é que diante do acelerado crescimento relacionado à comunidade LGBT, é urgente a mudança de comportamento da sociedade, a forma de interação com o público transgênero, a qual ainda nos parece inadequada. Essas adequações, cobradas de uma sociedade preconceituosa, devem começar pelos setores que mais se aproximam desse público em específico, exercendo a capacidade de conviver com uma diversidade de pessoas, em diversos tipos de ambientes, e sem demonstrar qualquer tipo de preconceito, acreditando que todo indivíduo, independente de sua identidade de gênero, deve estar inserido dentro da sociedade.

Portanto, podemos concluir que, nas aulas de Dança de Salão, um ambiente frequentado por muitas pessoas, os professores devem saber lidar com todo o tipo

de público, fazendo do seu ambiente de aula um espaço de aprendizado tanto da dança como da vida.

Muitos professores acabam por negligenciar esse momento, talvez por se sentirem despreparados tecnicamente. Portanto, sua competência não se limita à técnica, mas também à capacidade de promover a interação do grupo, se deparando com todas as possíveis diferenças, discutindo e eliminando qualquer tipo de preconceito. O professor que pretende se tornar um profissional da dança em geral, e específico da Dança de Salão, precisa entender que, na sua função, ele precisa saber tanto os passos femininos como os masculinos, tornando-se ele um 'transgênero na dança', mesmo não sendo homossexual, e disposto à aceitação de todos os alunos, visando sempre o melhor aprendizado dos alunos durante as suas aulas.

## REFERÊNCIAS

1. Oliveira, V. M. O que é Educação Física. São Paulo: Brasiliense, 2001.
2. Mendes, M. G. A Dança. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.
3. Vargas, L. A. Escola em Dança: movimento expressão e arte. Porto Alegre: Medição, 2007.
4. Faro, A. J. Pequena história da dança. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
5. Grangeiro, M. Ai, pisaram no meu pé! Um novo conceito em aprendizagem e ensino na dança de salão (p. 45). 2ªed. São Paulo: Scortecci, 2014.
6. Gil, F.C. Motivo para permanência dos alunos nas academias de Dança de Salão da Grande Florianópolis. Monografia (Especialista) – Curso de Pós Graduação em Teoria e Movimento da Dança. FAMEC, São José dos Pinhais/PR, 2010.
7. Silveira, P. V. Caderno de Notas. Porto Alegre, 2012.
8. Leôncio, J. M. . A Orientação Sexual nas Escolas a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação, Gestão e Sociedade. Revista da Faculdade Eça de Queirós 2013, v. 3, n. 12.
9. Dalgalarondo, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 2. ed, Porto Alegre: Artmed, 2008.
10. Spizzirri, G. Aspectos Genéticos Relacionados ao Transsexualismo. Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Diagn Tratamento, 2015;v.20, n.2, pp. 76-9. Disponível em <<http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2015/v20n2/a4720.pdf>>. Acesso em 19 set 2016.
11. Moore, H. A. Passion for Difference, Cambridge: Polity Press, 1994.
12. Vieira, T. R. O Impacto Da Genética Sobre A Vida Do Transexual: Aspectos Bioéticos E Jurídicos Encontro De Bioética Do Paraná – Bioética início da vida em foco. Anais eletrônicos. Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em



<[www2.pucpr.br/reol/index.php/bioetica?dd1=3317&dd99=pdf](http://www2.pucpr.br/reol/index.php/bioetica?dd1=3317&dd99=pdf)>. Acesso em 19 set 2016.

13. Bunchaft, M. E. A jurisprudência brasileira da transexualidade: uma reflexão à luz de Dworkin (n.67, pp. 277-308), Florianópolis, 2013. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5007/2177-7055.2013v34n67p277>>. Acesso em 19 Set. 2016.

14. Borrillo, D. Homofobia. Barcelona: Bellaterra, 2001.

Recebido em 23/11/18.

Aceito em 20/12/18.

---

Endereço para correspondência: Rua Santa Alexandrina, 288, Rio Comprido, Rio de Janeiro/RJ.  
mirandamarcia@uol.com.br